

## O Desviante e a Cultura do Medo no telejornalismo: um estudo sobre o Jornal do Almoço da RBS TV<sup>1</sup>

Carolina Borges GONÇALVES<sup>2</sup>

Michele NEGRINI<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pelotas

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a construção da imagem do desviante a partir de notícias de violência cotidiana no Jornal do Almoço e sobre a possibilidade da criação de uma cultura do medo entre os telespectadores. Este artigo consiste numa primeira etapa de uma futura monografia, na qual será realizado um estudo de recepção. Nesta etapa, serão utilizados apenas os primeiros procedimentos propostos por Thompson, na obra *Ideologia e Cultura Moderna*, para análise da matéria que trata de taxistas que impedem a fuga de um assaltante em Porto Alegre, veiculada em dezembro de 2013.

**Palavras-chave:** Desviante; violência cotidiana; cultura do medo; Jornal do Almoço.

### Introdução

Todos os dias são apresentadas pela mídia inúmeras notícias relacionadas à violência urbana nos jornais. Muitas delas têm suas narrativas construídas com a utilização de elementos semelhantes, estabelecendo um maniqueísmo na representação daquele que trataremos como desviante<sup>4</sup> e que se relaciona com a construção de uma possível cultura do medo.

Essa possibilidade pode ser compreendida através do modelo de encadeamento, exposto por Muniz Sodré (1992). Esse modelo pressupõe exposição sequencial dos fatos, permitindo a consolidação de determinada visão no imaginário social, seja o medo da violência, seja a personificação do agente a quem se deve temer.

Para a compreensão de quem é este desviante utilizaremos, os conceitos de Howard Becker (1993) e abordaremos a questão do medo sob a ótica de autores como Jesus Martín

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFPel, e-mail: [carolinab.goncalves@hotmail.com](mailto:carolinab.goncalves@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPel, e-mail: [mmnegrini@yahoo.com.br](mailto:mmnegrini@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Conceito desenvolvido no decorrer do trabalho.

Barbero (1998; 2004) e Luzia Fátima Baiarl (2004). As reflexões acerca de violência serão feitas através do conceito atribuído por Marilena Chauí (2011).

Pensando na consolidação da violência no imaginário social e nas ações tomadas pelos indivíduos que se sentem ameaçados por essa violência cotidiana exposta, entre todos os processos comunicativos, pelos meios de comunicação é que se cria o conceito de cultura do medo. Para definirmos esse comportamento será utilizado o conceito de Débora Pastana (2005) e algumas contribuições de Jesus Martin Barbero (1998; 2004).

O objeto de estudo recai sobre o *Jornal do Almoço*, primeiramente por ser do meio televisivo e nos ceder mais ferramentas para a análise. Segundo, por considerar a abrangência deste veículo e por se tratar de um jornal de grande proximidade com seu público-alvo.

Para realizar a análise buscou-se a interpretação da doxa<sup>5</sup> e uma breve reflexão sobre alguns aspectos sócio-históricos propostos por Thompson, para que fosse possível aplicar uma análise prática sobre a reportagem, complementando nossas reflexões. Para o estudo, optou-se pela análise formal discursiva, para que pudéssemos identificar características estruturais, padrões e relações das formas simbólicas (THOMPSON, 2011). Na prática, quais são os elementos que permitem-nos observar a presença da cultura do medo e a construção da imagem do desviante nas narrativas de violência cotidiana apresentadas pelo *Jornal do Almoço*?

Outras áreas, como o direito e assistência social, têm debatido o tema da cultura do medo pensando na sua relevância para a composição do cenário social, suas implicações nas transformações sofridas no cenário urbano, nas formas de segregação que surgem a partir da resistência das pessoas umas as outras. Todos os estudos voltados a esta temática colocam a mídia entre as responsáveis por estruturar este processo.

Apesar de o jornalismo ser apontado como um dos principais agentes na disseminação da cultura do medo, há pouco interesse da área de comunicação no tema. Considerando a presença dos meios de comunicação e visto os impactos sociais que geram a cultura do medo, é pertinente repensar o fazer jornalístico.

Não aprofundar a temática da violência pode contribuir com visões generalistas que colaboram para um questionamento pouco aprofundado dos problemas estruturais que envolvem a questão.

---

<sup>5</sup> Conceito desenvolvido no decorrer do trabalho.

É necessário pensar no papel jornalístico na construção de uma melhor relação entre seres humanos e um olhar mais crítico quanto a questões que envolvem o desenvolvimento social, pensando na questão da violência com mais complexidade e com real interesse na compreensão do tema, não meramente no lucro a ser adquirido com a espetacularização das mesmas.

## **1. Jornal do Almoço**

O Jornal do Almoço está no ar desde 1972, sendo o telejornal mais antigo da RBS TV, emissora afiliada da Rede Globo. Vai ao ar de segunda a sábado, do meio dia às 12h45. Sua duração é de 45 minutos, sendo dividido 30 minutos para exibição de notícias gerais do estado (a partir da grande Porto Alegre) e os 15 minutos restantes para notícias locais, onde vão ao ar as notícias de cada região, a partir de suas sedes.

O jornal apresenta assuntos diversos como variedades, cultura, noticiário factual, esportes, entrevistas, etc. É um programa de grande audiência, tendo ficado em primeiro lugar nas pesquisas entre os telejornais locais mais lembrados no Top of Mind, promovido pela revista Amanhã em 2013 e apresenta uma média, entre as cidades do interior, de 80% de share, que significa presença em 8 em cada 10 lares gaúchos<sup>6</sup>. Esse prestígio é mantido desde a década de 80, quando já havia se consolidado como o noticiário de maior alcance no estado.

Desde o início, o Jornal do Almoço propõe uma linguagem mais bem-humorada, principalmente por ser o pioneiro em apresentação jornalística no horário de almoço. A partir de 2010, o jornal modificou seu formato (GUEDIN e CRUZ, 2014), passando a incorporar características que diferem ainda mais do padrão de telejornalismo tradicional, com apresentadores de pé, descontração e informalidade na exibição e até mesmo com o próprio apresentador dando algum tipo de parecer sobre a notícia. Esse parecer é feito com trejeitos e algum pequeno comentário em forma de reação natural, não substituindo o comentarista, que é uma figura bastante marcante no Jornal do Almoço, que desde sua fundação tem como característica um jornalismo de cunho opinativo (CRUZ, 2006).

Essas mudanças reforçam a criação de uma relação mais próxima do espectador, fato perceptível tanto pelas técnicas utilizadas no telejornal, quanto pelos discursos dos apresentadores, que se referem ao espectador de forma direta.

---

<sup>6</sup> <http://gruporbs.clicrbs.com.br/blog/2010/08/11/nova-pesquisa-de-audiencia-do-ibope-reafirma-lideranca-da-rbs-tv-no-interior-do-rs-e-de-sc/>

Pensando na relevância que os meios de comunicação têm na construção do imaginário social e na abrangência do Jornal do Almoço em específico, é importante realizar uma análise reflexiva sobre como e quais acontecimentos são divulgados por este jornal.

## **2. Alterações a partir do medo**

O atravessamento das mídias é cada vez mais presente no cotidiano dos indivíduos, bem como a circulação dos fatos e relatos da violência que circundam, principalmente, o cenário urbano. A partir desta perspectiva, pode-se observar a disseminação do medo social e uma série de argumentos e ações que derivam dele. Segundo Baiarl (2004), o medo social é criado socialmente, por determinados grupos, e impede que as pessoas se identifiquem coletivizando seus interesses e medos. Assim cria-se uma nova cultura e novos padrões éticos, alterando a dinâmica, o ritmo e os procedimentos da vida cotidiana.

O medo advém não propriamente da violência, mas de uma angústia cultural, do sentimento de não-pertencimento que nos toma o piso cultural e as tecnologias, em especial os meios de comunicação, alteram não só os aspectos práticos da vida dos sujeitos, mas também sua subjetividade (BARBERO, 2004). Essas alterações, ao longo da história, consolidam uma pulverização do sentimento de pertença e uma nova dinâmica do espaço urbano, marcada pela conexão (não pelo encontro) dos indivíduos. Passam a ser as redes audiovisuais as responsáveis por efetuar a nova “diagramação dos espaços e intercâmbios humanos” abarcando a cidade numa “experiência simulacro” (BARBERO, 2004, p.293).

Ainda segundo Barbero (2004), essas experiências simulacro, essa visão do território se solidifica pela não relação que os sujeitos têm com o território real. Sendo assim, os dispositivos de comunicação acabam sendo o vínculo entre a população e a forma de resistência ao isolamento da população marginalizada. Para Barbero (1998), estudar os efeitos da televisão tem menos a ver com a sua produção, mas, principalmente, sobre os motivos que levam os indivíduos a resguardarem-se em suas casas e projetarem uma grande segurança atrás desse ambiente privado. Longe dos ambientes de encontro no ambiente urbano, a televisão torna-se “mais que um instrumento de ócio, um lugar de encontro. São encontros esporádicos com o mundo, com as pessoas e até com a cidade em que vivemos.” (BARBERO, 1998, p.1)

Sendo assim, o autor afirma que a televisão atrai porque a rua expulsa, mas que papel teria a mídia nesse processo de expulsão? Ainda segundo Barbero (2004), “é dos medos que vivem as mídias”.

### 3. Violência e Cultura do Medo

Para Chauí (2011), a violência é uma oposição à ética ao passo que é a quebra dos valores a ela atribuídos, considerando “a figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável” (p.379). A violência rompe com esses preceitos éticos ao tratar e lidar com outro ser como se este fosse mera coisa, desprovida dos atributos da “razão, vontade, liberdade e responsabilidade” (p.379). Portanto, a violência pode se valer de meios mais sutis para ir contra a natureza de alguém ou do que uma sociedade “define como justas e como um direito” (p.379), podendo chegar a pontos de brutalidade e abuso físico, como nos casos de agressão e homicídios.

A autora reflete a respeito dos mecanismos que produzem a exclusão e mascaram a violência estrutural que perpetua no Brasil. Essa diferenciação que distingue o 'eu não violento' do 'bárbaro que comete infrações' dá margem ao pensamento excludente que permite “determinar” os agentes violentos e legitimar ações de limpeza social, por exemplo. Para Chauí, o problema recai, de modo geral, sobre os pobres, porque esse afastamento não permite observar que existem uma série de violações como “a profunda desigualdade econômica, social e cultural” (p.383) que podem levar o ser humano a sua versão “coisificada”, não ética e, portanto, violenta. Essas violações “não são consideradas formas de violência, isto é, a sociedade brasileira não é percebida como estruturalmente violenta, e a violência aparece como um fato esporádico de superfície.” (CHAUÍ, 2011, p.383) Estes que são vítimas de uma violência estrutural acabam com o rótulo de únicos propagadores da violência e são, portanto, o alvo do populismo punitivo, tornam-se aqueles dos quais é necessário proteger-se. A autora conclui que “a sociedade não percebe que as próprias explicações oferecidas são violentas, porque está cega ao lugar efetivo de produção da violência, isto é, a estrutura da sociedade brasileira.” (CHAUÍ, 2011, p.383).

Considerando não só o conceito de violência, mas a interpretação social que existe sobre ela enquanto conceito e sobre seus agentes pode-se pensar, a partir de Guillaume (*apud* Sodré) quanto aos modelos de socialização através dos meios de comunicação, que existem dois modelos de irradiação: o primeiro, que irradia efeitos de mensagem simultaneamente sobre a sociedade e o modelo de encadeamento, que é responsável pela

circulação sequencial de efeitos. “A epidemia, o rumor, a circulação da violência pertencem a este segundo modelo. As vacinas, os meios de comunicação de massa, o controle social panóptico, a dissuasão militar (a Terra inteira irradiada pela ameaça nuclear) dependem do primeiro”. (Guillaume *apud* Sodré, 1992, p.15)

A partir dos conceitos e exemplos, podemos concluir que o modelo de circula o sequencial de fatos   aquele capaz de fixar e naturalizar sentidos e   nessa perspectiva que encaixa-se a violência cotidiana. São aquelas notícias que aparecem com frequência, apresentadas de forma factual. Elas podem ser homicídios, tr fico de drogas, assaltos, mas que não recebem nenhum tipo de contextualiza o.

Quando notícias relacionadas as temáticas são abordadas com maior profundidade ou com termos mais “amenos”, os agentes envolvidos nesses atos não costumam pertencer ao desviante do ponto de vista social. Geralmente são indivíduos que pertencem a categorias dominantes. Ao mesmo tempo, estes configuram os desviantes do ponto de vista jornalístico, pois fogem a abordagem que normalmente   dada.

Considerando Becker (1963), o desvio se constrói a partir da imposi o, através de processos políticos, dos componentes encarados como “normais” por determinados grupos. Através dessa imposi o os conceitos de normatiza o são legitimados. Portanto, o desvio (e, por consequência, o desviante) não se caracteriza, necessariamente, sobre o ato praticado, mas pelos processos de julgamento e rea o que surgem a partir dele. Ao mesmo tempo, a pessoa que passa a ser julgada pode não acatar essa opinião: “aquele que infringe a regra pode pensar que seus juízes são outsiders.” (BECKER, 1963, p.15)

Portanto, o rótulo ao qual o desviante   submetido está relacionado ao grupo social em que está inserido. Pensando na sociedade como um todo, seu pacto social gira entorno da ideologia dominante que, como aponta Kellner (2002, p.83) geralmente recai sobre o “branco masculino, ocidental, da classe média ou superior.” Ainda segundo o autor, “raças, classes, grupos e sexos diferentes” são considerados secundários e até inferiores. Desta forma, o desviante não   só aquele que rompe com as formas  ticas como apontado por Chauí, mas também aquele que rompe com as formas simbólicas, como apontamos acima.

Esse conjunto de desvios   o que pressupomos, em estudo futuro, apontar como resultado não só de um medo social sobre atos de violência, mas a personifica o daquele a quem se deve temer, resultando numa cultura do medo que altera o ambiente urbano e as rela oes humanas. Sendo assim, “a incerteza e a desconfiança que nos produz o outro,

qualquer outro - étnico, social, sexual – que se aproxima de nós na rua é compulsivamente percebido como ameaça” (BARBERO, 2004, p.295).

Para Pastana (2005), o medo generalizado que criou-se no entorno de crimes é uma preocupação ainda mais pungente que a própria violência. Segundo a autora, a somatória da criminalidade associada ao medo altera os hábitos e comportamentos modificando, também, a composição das cidades. Essas passam a criar barreiras reais entre os indivíduos com uma arquitetura voltada aos muros, as cercas e a sistemas mais modernos de segurança, além do crescimento de empresas de vigilância e a circulação de armas de fogo. Outros autores como Mia Couto, em discurso na Conferência do Estoril (2011, *web*), atentam para os interesses econômicos e o controle social por trás da construção e disseminação do medo. A partir da reflexão de que indivíduos modificam seus comportamentos diante da convivência com o medo, Pastana (2005) traça uma definição para o que seria a cultura do medo:

representa a somatória dos valores, comportamentos e do senso comum que, associados à questão da criminalidade, reproduz a ideia hegemônica de insegurança e, com isso, perpetua uma forma de dominação marcada pelo autoritarismo e pela rejeição dos princípios democráticos. (PASTANA, 2005, p.183)

Esse comportamento, associado a ideia da personificação do agente violento, é um fator relevante para perpetuar a segregação social e, para compreendê-lo, é necessário pensar as questões estruturais que o envolvem, incluindo a circulação de bens simbólicos apresentada pela mídia.

### **Procedimentos Metodológicos**

Como procedimento metodológico, optou-se por recorrer as considerações de Thompson (2011) a respeito da Hermenêutica da Profundidade. A HP é um estudo das construções de significado e do contexto social em que se inserem as formas simbólicas e envolve três fases distintas, sendo elas: análise sócio-histórica; análise formal ou discursiva; interpretação/reinterpretação. O autor trabalha segundo conceito de ideologia que é definido por ele como “sentido a serviço do poder.” (THOMPSON, 2011, p.16) O estudo da ideologia consiste, portanto, na compreensão de como estes sentidos estabelecem e sustentam as relações de poder.

Este enfoque nos interessa a partir das reflexões acerca dos enfrentamentos culturais que, não só impõem a visão de mundo do grupo dominante, estabelecendo uma



homogeneização da vida (BARBERO, 1998), mas também vai definir o desviante em todos os âmbitos de sua existência.

No desenvolver deste artigo, apresentamos uma série de reflexões, baseadas em autores, sobre o que acredita-se contribuir para a formação da cultura do medo entre os telespectadores do jornal do almoço através da criação da imagem do desviante.

Como dito anteriormente, este artigo faz parte de um projeto maior, ao qual nos propomos a desenvolver a temática utilizando os estudos de recepção. Nesta primeira fase, realizamos uma breve reflexão que compreendemos como parte da interpretação da doxa e análise sócio-histórica propostas por Thompson (2011), pois buscou-se uma avaliação da compreensão da realidade cotidiana e a procura da identificação de alguns pontos das assimetrias sociais e das condições de distribuição das formas simbólicas. As formas simbólicas são entendidas como a produção de sentido pelo homem, mas que são compreendidas a partir do contexto daquele que o recebe e, portanto, pode ser interpretada de maneiras distintas.

Reiteramos que essa é uma breve análise e que não pretende fechar os sentidos da pesquisa e, segundo Thompson (2011), a análise da doxa é apenas o ponto de partida e que as etapas propostas por ele para a investigação da HP não são, necessariamente, cronológicas.

Portanto, será realizada a análise formal ou discursiva sobre a notícia escolhida, para que possamos identificar elementos que ilustrem as reflexões expostas até o presente momento.

A análise formal, segundo Thompson, “está interessada primeiramente com a organização interna das formas simbólicas, com suas características estruturais, seus padrões e relações.” (2011, p. 369). Se propõe, por tanto, a apontar algumas relações entre as formas simbólicas e o sentido que produzem. Dentro da análise formal, usaremos o método de análise discursiva que, segundo Thompson (2011), é utilizado para analisar casos concretos de comunicação do dia-a-dia, tal como coberturas jornalísticas. Envolve, portanto, a análise do todo, não só de texto ou só de imagem.

A escolha da notícia foi feita segundo o telejornal proposto e por estar no tópico “notícias mais acessadas”. Outro critério de escolha foi que ela se encaixava no que



definimos por violência cotidiana. O acesso foi realizado através do site G1, da globo.com. (2013, *web*)<sup>7</sup>.

### **Análise dos Dados**

Recuperando brevemente o conceito de desviante, ao qual pretende-se analisar na notícia escolhida, o desviante se caracteriza não sobre o ato praticado, mas sobre o julgamento que faz-se dele de acordo com as pessoas que estão inseridas em seu contexto.

A notícia da análise, intitulada “Grupo de taxistas impede fuga de bandido após assalto”, apresenta, segundo as normas éticas – ou a quebra dessas normas- seguidas pelo jornal e pela maior parte da população, dois desviantes: os que cometeram furto.

Durante a reportagem um grupo de taxistas impede a fuga de um dos assaltantes através da agressão física, praticada em ambos, deixando um deles desacordado. Vê-se que o emprego da força, caracterizado como violência, aqui não é visto como quebra da norma ética sendo, portanto, nomeado de impedimento. O uso da força só é descrito como tal quando surge a imagem, seguida de off do repórter, narrando que “os motoristas deram chutes e empurrões nos dois assaltantes” (40 seg.) ao passo que aos 43 segundos entra a cena de um chute na cabeça seguido de desmaio que é repetida, em câmera lenta, aos 45 segundos, reforçando a cena.

Percebemos após as imagens e com a descrição do repórter que “um dos bandidos saiu caminhando e outro ficou alguns minutos desacordado e foi preso logo depois pela Brigada Militar.” (53 seg.) Após a aplicação de força, percebe-se que um deles sai andando normalmente enquanto o outro fica desacordado no chão e os taxistas vão embora. Percebemos que o “impedimento” foi apenas o emprego da força, que não é descrito como forma de violência e remete a uma ação cidadã. O título traz “impede a fuga de bandido” e a repórter, aos 20 segundos, define as imagens como impressionantes. Impedir a fuga de quem comete um delito, na concepção ética estabelecida, pode ser vista como uma atitude válida por parte de qualquer cidadão.

Essa legitimação do uso de força pode ser observada de forma mais clara quando, aos 11 segundos, a apresentadora descreve que “um dos ladrões foi preso depois de ser impedido de fugir por um grupo de taxistas que chegou no local” (13 seg.), na ideia de que os assaltantes teriam sido presos por conta do impedimento dos taxistas, porém pode-se

---

<sup>7</sup> [http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/porto-alegre/v/grupo-de-taxistas-impede-que-fuga-de-bandido-apos-assalto/3017201/?mais\\_vistos=1](http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/porto-alegre/v/grupo-de-taxistas-impede-que-fuga-de-bandido-apos-assalto/3017201/?mais_vistos=1)

observar que houve apenas o emprego de violência, visto que ninguém monitorou os dois indivíduos.

A caracterização desses dois homens como os desviantes em relação aos outros envolvidos na ação (o homem assaltado e o grupo de taxistas) pode ser percebida de forma clara em diversos trechos da narrativa, principalmente através de suas classificações enquanto sujeitos (bandidos, ladrões, assaltantes). Ainda quando a vítima do assalto não reconhece o homem preso, este é reafirmado como ladrão pela apresentadora. “Marcio (a vítima) acabou não reconhecendo o ladrão preso, que também foi liberado pela polícia” (1min. e 15seg.).

Na classificação do desvio, destaca-se “um homem foi roubado por dois bandidos” (8 seg.) essa construção anula dos “bandidos” a característica de “homem”. Como aponta Chauí (2011), é a resignificação do sujeito a mera coisa. São “eles” contra “nós”. Portanto, se já não é homem e já não faz parte de nós, é justificável que se empregue violência. E se é justificável, não quebra nossos preceitos éticos e, por consequência, não é violência. É o impedimento do “eles” violento – que rompe com a ética estabelecida – e o impedimento da violência é um dever cidadão.

## **Conclusões**

Conclui-se, portanto, que é possível identificar elementos da narrativa do Jornal do Almoço que distinguem quem é o desviante nas notícias de violência cotidiana. Também é possível observar que não há uma problematização do tema, o que pode contribuir para uma visão generalista da temática.

Esses fatos necessitam uma maior problematização, pois reconhecemos que somente o emprego da análise discursiva em um fato noticioso, através de uma breve interpretação da doxa, não é suficiente para uma análise profunda do tema.

Alguns tópicos a respeito da construção da imagem do desviante também carecem de maior investigação, pois o corpus do trabalho ainda é pequeno para definir a personificação (e se ela existe) do agente desviante, segundo o critério de hegemonia apresentado por Kellner (2002) que inclui outras características para além da ação que rompe a ética. Embora seja possível perceber que nesta notícia é utilizada a concepção ética estabelecida – a visão hegemônica -, é preciso que essa análise se estenda a um corpus maior para chegar a conclusões mais concretas.

Quanto a cultura do medo, acredita-se que, embora possa ser feita uma reflexão a respeito através de referencial bibliográfico, só poderemos confirmar sua existência a partir dos estudos de recepção.

Existe a possibilidade de confirmar ou negar estas hipóteses no desenvolvimento do trabalho, com análises de um número maior de reportagens, além da aplicação do estudo de recepção.

Acreditamos, portanto, ser essa uma pequena contribuição para pensarmos sobre a construção das narrativas que podem construir a imagem do desviante de forma bastante generalista e, conseqüentemente, desenvolver estereótipos que contribuem para um afastamento entre as pessoas e pretendemos aprofundar a temática com o desenvolvimento do trabalho.

### Referencial Bibliográfico

BAIERL, Luzia Fátima – **Medo Social: da violência visível ao invisível da violência** / Luzia Fátima Baierl. - São Paulo : Cortez, 2004.

BECKER, Howard – **Outsiders** / Howard Becker; tradução, Maria Luiza X. de A. Borges – Rio de Janeiro: Zahar, 1963. 231p.

CHAUÍ, Marilena – **Ética e Violência no Brasil**. In: Revista Bio&thikos – Centro Universitário São Camilo – 2011. Disponível em: <<http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/89/A3.pdf>>

COUTO, Mia – Conferência de Estoril 2011 – 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jACccaTogxE>>

DA CRUZ Fábio Souza: **A Cultura da Mídia no Rio Grande do Sul: O Caso MST e o Jornal do Almoço**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. In: BOCC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/cruz-fabio-cultura-da-midia.pdf>>

GUEDIN Giorgio Rosso; DA CRUZ Fábio Souza: **Informalidade e Credibilidade no Jornal do Almoço do Rio Grande do Sul: Um Estudo de Recepção**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2014, Palhoça. Disponível em: <[http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/lista\\_area\\_IJ01.htm](http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/lista_area_IJ01.htm)> Acesso em: 19 jun. 2015.

KELLNER, Douglas – **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós moderno** / Douglas Kellner – Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Comunicação e Cidade: entre Meios e Medos**. In: Novos Olhares: Revista de Estudos Sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos, 1998, São Paulo. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51305>> Acesso em: 17 jun. 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Transformações da experiência urbana. In: \_\_\_\_\_. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 274-303.

PASTANA, Débora Regina - **Cultura do Medo e Democracia: Um Paradoxo Brasileiro**. In: Revista *Medições* Londrina, 2005, v. 10, n. 2 – Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewArticle/2172>>

SODRÉ, Muniz – **O Social Irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia** / Muniz Sodré – São Paulo: Cortez, 1992

THOMPSON, John B. - **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa** / John B. Thompson. 9. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.